

**Filosofia**  
cursos e investigação  
Grandes questões

Departamento de Filosofia – Instituto de Filosofia  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Porto 2009

*Filosofia: cursos e investigação. Grandes questões*

Coordenação: J. F. Meirinhos

Capa: Carlos Paes

ISBN : 978-972-8932-43-5

Dep. Legal nº: 291641/09

Impressão: Tipografia Nunes

Edição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Porto, Março de 2009. 1.000 exemplares.

# I. Filosofia na Faculdade de Letras

## **Informação on-line**

*Departamento*

<http://www.lettras.up.pt/df>

### **Ensino**

*Licenciatura em Filosofia:*

[http://sigarra.up.pt/flip/cursos\\_geral/FormView?P\\_CUR\\_SIGLA=LFIL](http://sigarra.up.pt/flip/cursos_geral/FormView?P_CUR_SIGLA=LFIL)

*Mestrado em Filosofia*

[http://sigarra.up.pt/flip/cursos\\_geral/FormView?P\\_CUR\\_SIGLA=MFIL](http://sigarra.up.pt/flip/cursos_geral/FormView?P_CUR_SIGLA=MFIL)

*Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário*

[http://sigarra.up.pt/flip/cursos\\_geral/FormView?P\\_CUR\\_SIGLA=MEFIL](http://sigarra.up.pt/flip/cursos_geral/FormView?P_CUR_SIGLA=MEFIL)

*Programa Doutoral em Filosofia*

[http://sigarra.up.pt/flip/cursos\\_geral/FormView?P\\_CUR\\_SIGLA=DFIL](http://sigarra.up.pt/flip/cursos_geral/FormView?P_CUR_SIGLA=DFIL)

### **Investigação**

*Instituto de Filosofia*

<http://web2.lettras.up.pt/ifilosofia>

## O Departamento de Filosofia da FLUP

O ensino de Filosofia na Universidade do Porto foi instituído com a criação da própria Faculdade de Letras (FLUP) em 27 de Agosto de 1919, funcionando sob a direcção de Leonardo Coimbra até ao seu encerramento em Julho de 1931, em consequência do decreto de extinção da Faculdade, de 12 de Abril de 1928. Com a restauração da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por decreto de 17 de Agosto de 1961, reinicia-se nesse ano a licenciatura em Filosofia, que desde essa altura se mantém em funcionamento ininterrupto, tendo ao longo do tempo introduzido diversas alterações na sua estrutura, para a manter constantemente actualizada e com capacidade de resposta às cada vez mais diversas solicitações da sociedade, dos interesses dos seus estudantes e da própria dinâmica de investigação científica em que os seus professores estão envolvidos.

### Cursos

O Departamento de Filosofia é responsável pelos seguintes cursos:

- Licenciatura em Filosofia (1º ciclo)
- Mestrado em Filosofia (2º ciclo)
- Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário (2º ciclo)
- Programa doutoral em Filosofia (3º ciclo)
- Cursos livres
- Cursos de formação contínua.

Os cursos em Filosofia visam uma análise lógico-argumentativa e conceptual das produções contemporâneas e históricas do pensamento nas mais variadas vertentes da existência, do conhecimento e da acção. Para tal, a formação adquirida centra-se fundamentalmente:

(1) no estudo dos problemas, argumentos e teorias da Filosofia;  
(2) no desenvolvimento de competências para a investigação em Filosofia e áreas contíguas;  
(3) no estudo das obras que fazem a história e o presente da filosofia;  
(4) no conhecimento dos problemas de um leque alargado de ciências e domínios da acção humana.

Os alunos são conduzidos a uma dupla vertente, interligada, de abordagem: uma informativa e de aquisição de conhecimento, outra de reflexão crítica. As duas principais competências que os cursos

com atribuição de grau em Filosofia visam treinar e aperfeiçoar são a competência lógico-argumentativa e o conhecimento da história das ideias. De facto, a licenciatura em Filosofia visa a compreensão da natureza do pensamento humano, a partir ou em confronto com os seus resultados históricos, sociais, políticos, científicos ou técnicos, onde se incluem teorias científicas, sistemas ético-políticos, criações artísticas, sistemas metafísicos, crenças, etc.

A capacidade de análise de conceitos e de métodos de pensamento, que é a marca característica de uma educação em Filosofia, constitui uma pericia que se revela útil ao longo da vida profissional e pessoal, numa grande variedade de ocupações profissionais. Este facto explica quer os altos índices de empregabilidade dos licenciados em Filosofia, quer o facto de os licenciados em Filosofia desenvolverem actividades profissionais num vasto leque de profissões, desde o jornalismo à gestão de recursos humanos, do ensino à política, da gestão empresarial à assessoria cultural, das relações públicas à divulgação e animação cultural, da publicidade à carreira diplomática, da informática à escrita literária.

### Licenciatura em Filosofia

A Licenciatura, com a duração de 3 anos (180 créditos ECTS), cobre a história da Filosofia, as grandes áreas e os problemas centrais das disciplinas filosóficas, fornecendo condições para a aquisição de uma formação sólida para o exercício profissional nos mais variados domínios e para o prosseguimento de estudos.

A Licenciado em Filosofia está habilitado a exercer profissionalmente funções nas seguintes áreas de actividade:

- Investigação científica, fundamental e aplicada
- Actividade editorial
- Assessoria
- Carreira diplomática
- Comunicação social
- Dinamização cultural
- Relações públicas, etc.

A obtenção da Licenciatura em Filosofia é condição habilitante para o prosseguimento de Estudos e para o ingresso em cursos de Mestrado e cursos de Doutoramento.

#### *O acesso à licenciatura em Filosofia*

Sobre as modalidades de acesso e as candidaturas, ver o sítio do Ministério da Educação para acesso ao Ensino Superior.

<http://www.acessoensinosuperior.pt>

**Mestrado em Ensino de Filosofia no Ens Secundário**  
O ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário é um curso de 2º ciclo que visa a aquisição de competências científicas e pedagógicas necessárias ao exercício da função docente, conferindo habilitação profissional para a docência no ensino secundário (na área específica da Filosofia) e o

Candidaturas de acesso na Faculdade de Letras, em Junho-Julho e em Setembro de cada ano.  
vagas: 30.

O Mestrado desenvolve-se em 4 semestres (120 ECTS). Número de coordena o Diplôme Européen d'Etudes Médievales (Roma).  
Filosofia e Ciências da Educação da Universidade de Rouen e graduações, o Departamento participa no Diploma Europeu em Ao nível do intercâmbio internacional nas áreas das pós-académico de estudos pós-graduada.

a possibilidade de realização coerente e evolutiva de um percurso investigação e/ou do exercício profissional, bem como proporcionar a aquisição de capacidades especializadas no domínio da vista aprofundar competências científicas e metodológicas com vista O ciclo de estudos conducentes ao grau de Mestre em Filosofia Filosofia da Educação e Direitos Humanos.

e Política, Filosofia Medieval, Filosofia Moderna e Contemporânea e especializado em quatro áreas de excelência do Departamento: Ética Departamento de Filosofia ministra o Mestrado em Filosofia, Para prosseguimento de estudos após a licenciatura, o

### **Mestrado em Filosofia**

Faculdade.  
regimes especiais de acesso, consultar os serviços académicos da Para obter informações sobre calendários e requisitos destes todos os anos.

total de vagas para estes regimes é de 16, que têm sido preenchidas do estrangeiro, para titulares de cursos médios ou superiores). O transferências) e de exames especiais (para adultos, para estudantes de regimes especiais de acesso (reingresso, mudanças de curso, O acesso à licenciatura em Filosofia também pode ocorrer através

*Outros sistemas de ingresso*

Desde há alguns anos que o curso de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é o curso do País com mais elevado preenchimento de vagas e com mais elevada nota média no concurso nacional de acesso ao ensino superior público.

acesso à prova de avaliação de conhecimentos e competências para o exercício da função docente (nos termos do Decreto Regulamentar n.º 3/2008, 21 de Janeiro).  
O Mestrado desenvolve-se em 4 semestres (120 ECTS). Número de vagas: 15.

As diferentes componentes de formação do Mestrado em Ensino da Filosofia visam:

- Ao nível profissional, social e ético, assegurar que o futuro professor se adapte às especificidades dos contextos sociais e escolares em que actua, no respeito pelas exigências éticas e deontológicas inerentes à profissão docente.
- Ao nível do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, dotar o estudante dos instrumentos científicos e metodológicos que lhe permitam promover um ensino de qualidade capaz de assegurar aprendizagens significativas.
- Ao nível da participação na escola e da relação com a comunidade, desenvolver a compreensão da docência como uma actividade global e integrada.
- Ao nível do desenvolvimento profissional ao longo da vida, fazer da formação inicial o ponto de partida de um itinerário alicerçado na reflexão sobre questões educativas e sobre a prática profissional, visando a construção de um projecto de formação que responda aos desafios, individuais, institucionais e sociais colocados à educação.

Candidaturas de acesso na Faculdade de Letras, em Junho-Julho e em Setembro de cada ano.

### Programa doutoral em Filosofia

O Programa doutoral em Filosofia da Universidade do Porto visa proporcionar aos seus estudantes o aprofundamento de competências científicas e metodológicas orientadas para a produção e transmissão de conhecimento filosófico, a aquisição e aperfeiçoamento de capacidade de investigação, a preparação para o desempenho profissional de elevada qualidade, o complemento ou a realização de um percurso académico e formativo de natureza inovadora, reflexiva e crítica.

O PROGRAMA DOUTORAL combina múltiplas vertentes ao longo dos seus 3 anos de duração: 1) formação para a investigação com corpo docente qualificado; 2) integração dos estudantes durante a realização da tese no Instituto de Filosofia, unidade de investigação classificada com Excelente e financiada pela FCT; 3) ambiente de



contacto com outras experiências e realidades académicas. Docentes dessas universidades fazem ligações em alguns dos nossos cursos, incrementando deste modo a internacionalização e o

Suíça: Fribourg.

Itália: Milão, Palerme, Pisa, LUMSA-Roma

Grecia: Atenas

Sorbonne; Paris VIII

França: Bordéus III, Clermont-Ferrand II, Rouen, Paris IV -

Finlândia: Jyväskylä

Salamanca, Santiago de Compostela, Sevilla

Palma de Maiorca, Madrid, Málaga, Murcia, Pamplona,

Espanha: Autònoma de Barcelona, Barcelona, Ilhas Baleares-

Alemanha: Düsseldorf, Freiburg i.B., Köln

estudantes com as seguintes Universidades:

Os estudantes de Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento em Filosofia da FLUP podem realizar um período de estudos no estrangeiro, no âmbito do programa "Socrates/Erasmus" da União Europeia, com reconhecimento no seu plano de estudos. Para esse efeito o Departamento mantém programas de mobilidade de

### Mobilidade Internacional

Número máximo de estudantes: 20, com selecção de candidatos por análise curricular e entrevistista. Calendário de acesso: Candidaturas: início de Junho a 15 de Julho (1ª fase) e de 3 de Agosto a 12 Setembro (2ª fase).

Os seminários do Programa podem ser frequentados como unidades curriculares optativas por estudantes de outros cursos doutorais da UP.

sob orientação de um ou mais docentes. O Programa está organizado pelo sistema europeu de créditos acumuláveis e transferíveis ECTS (60 UC por ano; 180 UC no total). O primeiro ano constitui o "curso de doutoramento" durante o qual o estudante frequenta em cada semestre duas unidades curriculares (frequência anual de 4 seminários, 60 créditos). Nos 2 (ou 3) anos sucessivos o estudante realiza investigação (120 créditos) e a tese de doutoramento e a necessária investigação e actividades correlatas.

8) apoio na candidatura a bolsas de estudo. O Programa esta organizado pelo sistema europeu de créditos acumuláveis e transferíveis ECTS (60 UC por ano; 180 UC no total). O primeiro ano constitui o "curso de doutoramento" durante o qual o estudante frequenta em cada semestre duas unidades curriculares (frequência anual de 4 seminários, 60 créditos). Nos 2 (ou 3) anos sucessivos o estudante realiza investigação (120 créditos) e a tese de doutoramento e a necessária investigação e actividades correlatas.

**Publicações**

As publicações do Departamento de Filosofia incluem obras especializadas, revistas, co-edições e direcção de colecções.

O Departamento publica desde 1971 a *Revista da Faculdade Letras - Série de Filosofia*. A Iª série teve 2 volumes (com 4 tomos, de 1972 e 1973). A IIª série tem publicação ininterrupta desde 1985, estando em preparação o vol. 25-26, de 2008-2009.

A revista *Medievalia. Textos e estudos*, do Gabinete de Filosofia Medieval, é publicada desde 2000 (vol. 18) pela FLUP, tendo sido editada pela Fundação Eng. António de Almeida até 1999 e preparada-se agora a edição dos volumes de 2008 e 2009.

O Gabinete de Filosofia Moderna e Contemporânea dirige a série *Nous da colecção Campo da Filosofia da editora Campo das Letras*.

O Gabinete de Filosofia da Educação publica a revista *Itinerários de Filosofia da Educação* (desde 2004).

## Docentes do Departamento de Filosofia da FLUP

### *Professores Catedráticos*

Luis Carlos Gomes Melo de Araújo (Axíologia e ética)

### *Professores Associados*

Adélio da Costa Melo (Ontologia)

José Francisco Preto Meirinhos (Filosofia Medieval)

Maria Manuel Martins da Costa Pinheiro de Araújo Jorge (Filosofia

das Ciências)

Sofia Gabriela Assis de Moraes Miguens Travis (Filosofia do

Conhecimento)

### *Professores Auxiliares*

João Alberto Cardoso Gomes Pinto (Lógica)

José Augusto Caiado Ribeiro Graça (Filosofia Antiga)

Maria Celeste Lopes Natário (Filosofia em Portugal)

Maria Eugénia Moraes Vilela (Estética)

Paula Cristina Pereira (Antropologia Filosófica)

### *Professor Auxiliar Convocado*

Paulo Tunhas (Filosofia Moderna; Filosofia Contemporânea)

### *Professor Auxiliar Externo*

Joaquim José Jacinto Escola (Didáctica da Filosofia)

### *Assistente*

Maria João Couto (Problemas Pedagógicas Contemporâneas)

### *Assistente convidada*

Lidia Maria Cardoso Pires (Filosofia e Ciência Política)

## Contactos do Departamento de Filosofia

Departamento de Filosofia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica s/n

4150-564 Porto

D<sup>a</sup> Ana González (Secretária do Departamento)

Telefone e fax directo: 226077187

Telefone geral da FLUP: 226077100 (ext. 3180)

e-mail: [df@letras.up.pt](mailto:df@letras.up.pt)

O *Instituto de Filosofia*, vocacionado para a dinamização e realização de projectos de investigação científica e de extensão e para a formação avançada e estatutos próprios e Departamento de Filosofia, com direcção e estatutos próprios e internamente organizado em gabinetes. O Instituto de Filosofia constituiu-se como Unidade de Investigação em 1998 (FCT - UI&D 502). Actualmente desenvolve actividades com financiamento externo em três áreas gerais: Filosofia da Educação, Filosofia Medieval, Filosofia Moderna e Contemporânea. O reconhecimento da qualidade do trabalho de investigação aqui desenvolvido é testemunhado pelos três sucessivos Excelentes (classificação máxima) com que o Instituto foi classificado pelas equipas internacionais de avaliação externa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A sua actividade desenvolve-se em torno dos grupos de investigação, com diversos projectos em curso, alguns em parcerias internacionais. Anualmente publica diversas obras e revistas, organiza colóquios e encontros científicos, colabora na formação avançada em Filosofia, acolhe bolsiros e investigadores, nacionais e estrangeiros, realiza diversas actividades de divulgação científica e filosófica.

A investigação está desde 2007 organizada em 13 grupos temáticos, com um total de 31 investigadores doutorados integrados, uma dezena e meia de bolsiros de doutoramento e diversos investigadores colaboradores, integrando investigadores activos de 5 nacionalidades diferentes.

O Instituto tem um investigador pós-doc3 contratado ao abrigo do programa Ciência2007 (e duas candidaturas em curso ao programa Ciências2008), uma Bolseira técnica de Investigação e 10 Bolseiros de Integração na Investigação (1º ciclo).

O Instituto orienta a sua actividade pela convicção de que a Filosofia e a investigação em Filosofia têm dado e continuam a dar um contributo incontornável para a discussão, a compreensão e a explicação de todas as grandes questões que interessam ao homem e à sociedade. Por essa razão, o Instituto está empenhado, através dos seus grupos, projectos e membros, na partilha da investigação, nomeadamente através de parcerias e colaborações com outras instituições.

## Grupos de investigação e investigadores principais

Aesthetics, Politics and Art

IP: Maria Eugénia Morais Vilela

Ancient Greek Philosophy

IP: Álvaro José Ferreira Machado dos Penedos

Aristotelica Portuguesa. The Reception of Aristotle in Portugal  
until the XVIII C

IP: José Francisco Preto Meirinhos

Heuristics and Sources for the Study of Medieval Philosophy  
IP: José Francisco Preto Meirinhos

Mind Language and Action Group

IP: Sofia Gabriela Assis Morais Miguens Travis

Phenomenology

IP: Maria José Pinto Cantista Fonseca

Philosophy and Public Space

IP: Paula Cristina Moreira Silva Pereira

Philosophy of Education and Contemporaneity

IP: Adalberto Artur Vieira Dias Carvalho

Philosophy of Education in the Portuguese-speaking World

IP: Adalberto Artur Vieira Dias Carvalho

Philosophy of Science

IP: Maria Manuel Martins Costa Pinheiro Araújo Jorge

Reason, Sciences and Nature in Medieval Philosophy

IP: Maria Candida Gonçalves Costa Monteiro Pacheco

Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal

IP: Maria Celeste Lopes Natário

Seminar of Medieval Literature, Thought and Society

IP: José Carlos Ribeiro Miranda

O Instituto tem uma comissão internacional de acompanhamento.

O site do Instituto é regularmente actualizado e inclui um repositório das actividades desenvolvidas e em curso.

### **Contactos do Instituto de Filosofia**

Secretariado / Bolseira de Investigação: Dr.ª Daniela Oliveira

Instituto de Filosofia

Faculdade de Letras

Via Panorâmica s/n

4150-564 For (Portugal)

telef. 226077100 (+ ext 103)

email: ifilosofia@letras.up.pt

## II. Grandes questões

Para organizar a participação da Filosofia na Mostra da Universidade do Porto 2009, os estudantes dos diferentes cursos de Filosofia da FLUP foram convidados a individualmente propor textos que no seu entender ilustrassem as grandes questões filosóficas e o modo como em diferentes tradições teóricas têm sido formuladas e discutidas. Estudantes do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário seleccionaram as propostas recebidas com o objectivo de oferecer uma antologia breve que permitisse colher elementos para um esboço rápido da disciplina. Resulta daqui um florilégio necessariamente parcial, aleatório e limitado, mas também ilustrativo de preocupações, de empenhamentos, de modos de ver a vida, a sociedade e a própria Filosofia.

Nestas textos tecem-se percursos e abrem-se vias de interrogação. Outros não hesitam na formulação de críticas ou de propostas metodológicas. Na sua diversidade o que mais sobressai é a expectativa sobre as potencialidades da Filosofia na discussão das grandes questões que continuam a emergir dos diferentes aspectos, patentes ou recônditos, da relação do homem com o mundo, com a sociedade, com a história e consigo mesmo. Seja na formulação grandiloquente ou no aforismo, na análise minuciosa ou na denúncia radical, perpassa o desejo de re-agir com o (des)encantamento do mundo. Nesse aspecto continua bem viva a ligação de pluralidade e de inquietação que marca os cerca de 2.500 anos da tradição filosófica. Pode o nosso tempo dar-se ao luxo insensato de dispensá-la?

Estes textos podem ser um complemento às actividades desenvolvidas para a Mostra da UP 2009 em colaboração com os estudantes do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário e com os Bolseiros de Iniciação à Investigação do Instituto de Filosofia para constituírem uma introdução viva ao questionamento filosófico.

A preparação desta antologia e dos marcadores que a acompanham (organização e selecção de textos) contou com as propostas e a participação activa dos estudantes de Licenciatura, Mestrado, Doutoramento:

Ana Sorala Garrido  
Benedita Sotomayor  
Bernardo Marques  
Cláudia Silva  
Elsa Martins  
Helena Costa  
João Pedro Barroso  
José Gomes da Costa  
Luís Inácio  
Marta do Céu Aires  
Marta Paula Dinis Paula  
Nuno Queirós-Pinto  
Óscar Mota  
Patrícia Crista  
Patrícia Teixeira  
Pilar Pereira Martos  
Rui Vieira da Cunha  
Sérgio Barbosa  
Sofia Seixas  
Susana Cadilha  
Susana da Assunção  
Vitor Oliveira



## As perguntas da vida

Existem perguntas que admitem uma solução e essas perguntas são as que a ciência faz. Outras há que nos parece impossível que alguma vez venham a ser totalmente solucionadas e respondidas - se-lão sempre insatisfatoriamente. Elas são a preocupação da filosofia. Historicamente aconteceu que algumas das perguntas por ser da competência da filosofia - a natureza e movimento dos astros, por exemplo - e depressa começaram a ter solução científica. Noutros casos, questões aparentemente resolvidas cientificamente voltaram depois a ser tratadas a partir de novas perspectivas científicas, estimuladas por dúvidas filosóficas (a passagem da geometria euclidiana às geometrias não euclidianas, por exemplo).

Deslindar que perguntas parecem pertencer hoje ao primeiro e quais as do segundo grupo é uma das tarefas críticas mais importantes dos filósofos... e dos cientistas. É provável que certos aspectos das perguntas a que hoje a filosofia atende recebam amanhã solução científica, e de certeza que as futuras soluções científicas ajudarão decisivamente no posicionamento das respostas filosóficas vindouras, assim como não seria a primeira vez que o trabalho dos filósofos orientaria ou daria inspiração a alguns cientistas. Não há necessidade de existir ciência e filosofia uma oposição irreductível, e muito menos desprezo mútuo tal como julgam os maus cientistas e os maus filósofos. Só podemos estar certos de que nunca nem a ciência nem a filosofia terão falta de perguntas às quais tentar responder.

Fernando Savater, *As Perguntas da Vida*, Dom Quixote, Lisboa, 1999, pp. 22-23.

## O que quer dizer tudo isto?

A filosofia é diferente da ciência e da matemática. Ao contrário da ciência, não assenta em experiências, nem na observação, mas apenas no pensamento. E, ao contrário da matemática, não tem métodos formais de prova. A filosofia faz-se colocando questões, argumentando, ensaiando ideias e pensando em argumentos possíveis contra elas e procurando saber como funcionam realmente os nossos conceitos.

A preocupação fundamental da filosofia consiste em questionarmos e compreendermos ideias muito comuns que usamos todos os dias sem pensarmos nelas. Um historiador pode perguntar o que aconteceu em determinado momento do passado, mas um filósofo perguntará: "O que é o tempo?". Um matemático pode investigar as relações entre os números, mas um filósofo perguntará: "O que é um número?". Um físico perguntará de que são constituídos os átomos ou o que explica a gravidade, mas um filósofo irá perguntar como podemos saber que existe qualquer coisa fora das nossas mentes. Um psicólogo pode investigar como é que as crianças aprendem uma linguagem, mas um filósofo perguntará: "Que faz uma palavra significar qualquer coisa?". Qualquer pessoa pode perguntar se entrar num cinema sem pagar está errado, mas um filósofo perguntará: "O que torna uma acção certa ou errada?". Thomas Nagel, *Que quer dizer tudo isto? - Uma iniciação à filosofia*, trad., Gradiva, Lisboa, 1995, pp.8-9.

## O valor da filosofia

O valor da filosofia, em grande parte, deve ser buscado na sua mesma incerteza. Quem não tem umas tintas de filosofia é homem que caminha pela vida fora sempre aguilhoado a preconceitos que se derivaram do senso comum, das crenças habituais do seu tempo e do seu país, das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliburada. O mundo, tende, para tal homem, a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele, os objectos habituais não erguem problemas, e as possibilidades infinitas são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente caímos na conta de que até os objectos mais ordinários conduzem o espírito a certas perguntas a que incompletíssima se dá resposta. A filosofia, se bem que incapaz de nos dizer ao certo qual venha a ser a verdadeira resposta às variadas dúvidas que ela própria evoca, sugere numerosas possibilidades que nos conferem amplitude aos pensamentos, desactivando-nos da tirania do hábito. Embora diminua, por consequência, o nosso sentimento de certeza no que diz respeito ao que as coisas são, aumenta em muitíssimo o conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; varre o dogmatismo, um tudo-nada arrogante, dos que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica o sentimento de admiração, porque mostra as coisas que nos são costumadas num determinado aspecto que o não é.

Além desse dom de nos abrir perspectivas de insuspeitadas possibilidades, tem a filosofia ademais o mérito - que é talvez o seu maior mérito - da grandezza dos objectos a que se consagra e da libertação do nosso espírito em relação aos escopos individuais e estreitos, que resulta da contemplação de tais objectos.

Bertrand Russell, *Os Problemas da Filosofia*, trad., Almedina, Lisboa, 2001, pp. 147-148.

## Como eu não vejo a Filosofia

Passo a expor seguidamente um enunciado de nove concepções sobre a da filosofia e actividades consideradas frequentemente como características da filosofia, mas que, em meu entender, são insatisfatórias. Para este capítulo, poderia escolher o título: «Como eu não vejo a filosofia».

Primeiro: não cabe à filosofia a solução de equívocos, muito embora tal solução constitua, por vezes, um trabalho preparatório necessário.

Segundo: não considero a filosofia uma galeria de obras de arte, de representações do mundo assombrosas e originais ou de descrições do universo, inteligentes e invulgares. Penso que cometemos uma grave injustiça aos grandes filósofos se entendermos a filosofia deste modo.

Os grandes filósofos não perseguiram objectivos puramente estéticos. Não pretendiam ser arquitectos de sistemas engenhosos. Foram antes do mais pesquisadores da verdade, do mesmo modo que os grandes cientistas. Procuravam a solução para problemas autênticos. Vejo a história das grandes filosofias essencialmente como uma parte da história da busca da verdade, e rejeito a opinião que lhe atribui uma natureza a seu juízo puramente estética, admitindo embora que a beleza é de importância primordial tanto na filosofia como na ciência.

Sou apologeta da usadia intelectual. Não podemos ser ao mesmo tempo intelectualmente cobardes e pesquisadores da verdade. Aquela que busca a verdade, tem que ousar ser sábio: Saperre aude! Tem que ousar ser um revolucionário no domínio do pensamento. Terceiro: não perspectivo a história dos sistemas filosóficos como uma história de construções intelectuais, em que todas as ideias possíveis são ensaiadas e em que a verdade se manifesta, porventura, como um subproduto. Creio que somos injustos para com os filósofos verdadeiramente grandes do passado, se duvidarmos por um

momento que seja que seja qualquer um deles teria renunciado ao seu sistema fosse, não progredia um passo se quer no caminho da verdade. (É esta, aliás, a razão porque não considero nem Fichte nem Hegel grandes filósofos - desconho do seu amor pela verdade.)

Quarto: não considero a filosofia uma tentativa de análise ou de explicação de conceitos, de palavras ou de expressões.

Tanto os conceitos como as palavras são meros instrumentos para a formação de asserções, de suposições ou de teorias. Os conceitos ou as palavras enquanto tal não podem ser verdadeiros nem falsos. Servem apenas a linguagem humana, descritiva e justificativa.

O nosso objectivo não deve ser analisar os significados, mas procurar verdades significativas e interessantes, ou seja, teorias verdadeiras.

Quinto: não considero a filosofia um meio de que nos servimos para demonstrar como o homem é inteligente.

Sexto: não considero a filosofia uma terapia intelectual (como Wittgenstein), uma actividade através da qual é possível libertar as pessoas das suas confusões filosóficas. Segundo creio, Wittgenstein - na sua obra posterior - não mostrou (como esperava) à mosca a forma de sair da garrata. Pelo contrário, considero a mosca que não consegue sair da garrata um auto-retrato perfeito de Wittgenstein. (Wittgenstein foi, claramente, um caso wittgensteiniano, como Freud foi um caso freudiano e Adler um caso adleriano).

Sétimo: não vejo na filosofia um empenhamento no sentido de uma maior precisão ou exactidão de expressão. A precisão e a exactidão não são por si só valores intelectuais, e não devemos nunca procurar ser mais precisos e exactos do que o problema em causa requer.

Oitavo: Assim sendo, não considero a filosofia como um esforço no sentido de fornecer as bases ou o enquadramento abstracto para a resolução dos problemas que venham a colocar-se num futuro mais ou menos próximo. Foi o que fez John Locke. Queria escrever um ensaio sobre ética, e para tal considerou necessário realizar trabalhos preparatórios de carácter abstracto. O seu Ensaio é constituído por esses trabalhos preliminares; e a filosofia inglesa está desde então, salvo raras excepções - e talvez alguns ensaios políticos de Locke e de Hume - enredada nestes trabalhos preparatórios.

Nono: Também não entendo a filosofia como expressão do espírito da época. Trata-se de uma ideia hegeliana que não resiste à crítica: Certamente que existem modas tanto na filosofia como na

ciência. Todavia, quem procure a verdade com seriedade, não segue as modas, antes pelo contrário desconfia delas e combatê-las.

Karl Popper, *Em Busca de um Mundo Melhor*, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1992, pp. 161-163.

## O sentido da vida

Talvez já tenhas pensado que nada importa realmente, porque daqui a duzentos anos estaremos todos mortos. Esta é uma ideia peculiar, porque não é claro porque motivo o facto de que estaremos todos mortos daqui a duzentos anos deva implicar que nada do que agora fazemos tem realmente importância.

Parece que a ideia consiste em que, nesse caso, estaremos todos numa espécie de corrida de ratos, lutando para alcançarmos os nossos objectivos e fazemos alguma coisa das nossas vidas, mas que isto só faz sentido se o que conseguirmos for permanente. Mesmo que produzas uma grande obra literária que continue a ser lida daqui a milhares de anos, o sistema solar acabará por arrefecer, ou o universo acabará por parar ou sucumbir, e todos os sinais do teu esforço desaparecerão. De qualquer modo, não podemos esperar nem mesmo por uma tracção deste tipo de importância. Se há de algum modo alguma finalidade naquilo que fazemos, temos de descobri-la em nos mesmos.

Por que há-de existir dificuldades nisso? Podes explicar a finalidade da maioria das coisas que fazes. Trabalhas para gastar dinheiro para te sustentares e talvez também a tua família. Comes porque tens fome, dormes porque estás cansado, dás um passeio ou telefonas a um amigo porque te apetece, lêes o jornal para caberes o que se passa no mundo. Se não fizesses qualquer destas coisas, serias infeliz; portanto qual é o problema?

O problema é que, ainda que existam justificações e explicações para a maior parte das coisas, pequenas e grandes, que fazemos na vida, nenhuma destas explicações explica a finalidade da vida como um todo – o todo do qual todas essas actividades, sucessos, esforços e desluses, são partes. Se pensares no todo, parece que este não tem em qualquer caso qualquer finalidade. Observando-o de fora, não faria qualquer diferença se nem sequer tivesses existido. E depois de deixares de existir não terá nenhuma importância que tenhas existido.

Thomas Nagel, *Que quer dizer tudo isto? Uma iniciação à Filosofia*, trad., Gradiva, Lisboa, 1995, pp. 87-88.

## Os filósofos e as questões sem resposta

Vocês, os filósofos, colocam questões sem resposta, que assim devem permanecer para que mereçam o nome de filosóficas. Uma questão equacionada só pode ser, segundo vocês, uma questão técnica. Era técnica. Foi tomada por sendo filosófica. Desviam então a vossa atenção para uma outra que aparenta ser impossível de resolver e que deve resistir a toda e qualquer conquista do entendimento. Ou então, o que acaba por ser o mesmo, declaram que o facto de a primeira questão ter sido resolvida se deve à mesma ter sido mal colocada. E atribuem a vocês mesmos o privilégio de manter irresolúvel, ou seja bem colocada, a questão que a técnica, ao acreditar tê-la solucionado, mais não fez que a maltratar. Uma solução tem para vocês o valor de uma ilusão, é uma verdadeira falta para com a integridade devida ao ser, e por aí fora. Vida longa à vossa paciência. Poderão sempre resistir à custa desta incredulidade. Não se espantem no entanto se por causa desta irresolução, o leitor caia no aborrecimento.

Mas não é essa a questão. Na espera, envelhece o Sol. Explodirá dentro de 4,5 mil milhões de anos. Já ultrapassou um pouco a metade da sua vida. É como um homem de quarenta e poucos anos dotado de uma esperança de vida de oitenta. Com o seu fim, terminará igualmente as vossas questões insolúveis. Talvez se mantenham sem resposta, impecavelmente bem colocadas, mas não haverá mais onde as colocar, nem lugar para existirem. Explicais: não podemos pensar no fim puro e simples do que quer que seja pois fim é limite e é necessário estar dos dois lados do limite para o conceber. Da mesma forma, o fim deve ser perpetuado em pensamento para que se reconheça como fim. Ora isto é verdadeiro para os limites do pensamento. Mas após a morte do Sol, não haverá pensamento para reconhecer que era da morte que se tratava.

Jean-François Lyotard, *O Inumano. Considerações sobre o Tempo*, trad., Editorial Estampa, Lisboa, 1997, pp. 17-18.

## A amizade

Analisemos agora a amizade. De facto trata-se de uma certa excelência, ou algo estreitamente ligado à excelência; além disso, é do que mais necessário há para a vida, pois ninguém há-de querer viver sem amigos, mesmo tendo todos os restantes bens. E até os ricos, os que têm posição e poder, têm uma necessidade extrema de amigos. (...) tanto na miséria como nas desgraças pensa-se sempre

que os amigos são o nosso único refúgio. Os amigos são uma ajuda para os mais novos, ao evitar que façam disparates; e para os mais velhos por cuidarem deles e por suprirem a perda crescente de autonomia que resulta da sua fraqueza. Mas, para os que estão na força da vida, os amigos são uma ajuda para a realização de acções excelentes. (...) A amizade manifesta-se entre os seres de um mesmo género, sobretudo entre os seres humanos. Dal louvarmos amizade do homem pelo homem. Também se pode ver, quando viajamos, um sentimento de afinidade e um laço de amizade entre os homens. Na verdade, parece ser a amizade que mantém unidas as comunidades dentro dos Estados.

Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, VIII, 1, trad., Quetzal Ed., Lisboa 2004, p. 180.

## Há metafísica bastante em não pensar em nada

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!

Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?

Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

E não pensar. E correr as cortinas

Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério.

Quem está ao sol e fecha os olhos,

Começa a não saber o que é o sol

E a pensar muitas cousas cheias de calor.

Mas abre os olhos e vê o sol,

E já não pode pensar em nada,

Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos

De todos os filósofos e de todos os poetas.

A luz do sol não sabe o que faz

E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?  
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos  
 E de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
 A nós, que não sabemos dar por elas,  
 Mas que melhor metafísica que a delas,  
 Que é a de não saber para que vivem  
 Nem saber que o não sabem?  
 "Constituição íntima das cousas" ...  
 "Sentido íntimo do Universo" ...  
 Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.  
 É incrível que se possa pensar em cousas dessas.  
 É como pensar em razões e fins  
 Quando o começo da manha está raiando, e pelos lados  
 das árvores  
 Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.  
 Pensar no sentido íntimo das cousas  
 É acrescentado, como pensar na saúde  
 Ou levar um copo à água das fontes.  
 O único sentido íntimo das cousas  
 É elas não terem sentido íntimo nenhum.  
 Não acredito em Deus porque nunca o vi.  
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,  
 Sem dúvida que viria falar comigo  
 E entraria pela minha porta dentro  
 Dizendo-me, Aqui estou!  
 (isto é talvez ridículo aos ouvidos  
 De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,  
 Não compreende quem fala delas  
 Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)  
 Mas se Deus é as flores e as árvores  
 E os montes e sol e o luar,  
 Então acredito nele,  
 Então acredito nele a toda a hora,  
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.  
 Mas se Deus é as árvores e as flores



Como efeito, visto que todas as ciências nada mais são do que a sabedoria humana, a qual permanece sempre uma e idêntica, por rotundamente,

separadamente, deixando de lado todas as outras. Enganaram-se dos seus objectos, pensaram que era necessário adquirir cada uma das ciências e, ao distinguí-las umas das outras segundo a diversidade se a um só se dedicassem. Julgaram que o mesmo se passaria com os officios diferentes, não os podem executar com tanto desatogo como a cultivar os campos e a tocar cítara, ou que se entregam a vários facilmente num artista consumado; as mesmas mãos que se dedicam homem e que só aquele que exerce uma única se transforma mais todas as artes devem ser aprendidas simultaneamente pelo mesmo artes, que exigem algum exercício e hábito corporal; e vêem que nem que consistem exclusivamente no conhecimento intelectual, e as verdades. Realizam assim falsas aproximações entre as ciências, são diversas, mediante o que reconheceram numa delas como semelhança entre duas coisas, avaliar ambas, mesmo naquilo em que Os homens costumam, sempre que reconhecem alguma

## A orientação do espírito para emitir juízos sólidos e verdadeiros

Fernando Pessoa, *Poesia de Alberto Caetano*, Assírio e Alvim, Lisboa, 2006, pp. 29-32.

Os montes e o luar e o sol,  
 Para que lhe chamo eu Deus?  
 Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar,  
 Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
 Sol e luar e flores e árvores e montes,  
 Se ele me aparece como sendo árvores e montes,  
 E luar e sol e flores,  
 É que ele quer que eu o conheça  
 Como árvores e montes e flores e luar e sol.  
 E por isso eu obedeço-lhe,  
 (Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?)  
 Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,  
 Como quem abre os olhos e vê,  
 E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,  
 E amo-o sem pensar nele,  
 E penso-o vendo e ouvindo,  
 E ando com ele a toda a hora.

muito diferentes que sejam os objectos a que se aplique, e não recebe deles mais distinções do que a luz do sol da variedade das coisas que ilumina, não há necessidade de impor aos espíritos quaisquer limites. (...) É preciso acreditar que todas as ciências estão de tal modo conexas entre si que é muitíssimo mais fácil aprendê-las todas ao mesmo tempo do que separar uma só que seja das outras. Portanto, se alguém quiser investigar a sério a verdade das coisas, não deve escolher uma ciência particular: estão todas unidas entre si e dependentes umas das outras; mas pense apenas em aumentar a luz natural da razão, não para resolver esta ou aquela dificuldade de escolha, mas para que, em cada circunstância da vida, o intelecto mostre a vontade o que deve escolher.

René Descartes, *Regras para a Direcção do Espírito*, trad., Edições 70, Lisboa, 2002, p. 13.

## O naturalismo

O naturalismo é mais uma tendência filosófica que uma filosofia. Nesta tendência, é cindida a realidade em natureza e ideal. A natureza é o conjunto de realidades, que aparecem segundo certas leis e em virtude de certas leis. A vida obedece às leis da sua organização actual e aparece em virtude das leis da herança e da embriologia.

A moral é a solidariedade natural, que aparece nos animais vivendo em sociedade, e se desenvolve nos homens obedecendo a leis naturais. Se não quisermos cair em graves equívocos, teremos de ser mais precisos e então o naturalismo terá de subir até às últimas noções e transformar-se no que já chamamos o cientismo, salvo a sua extensão ao mundo do sentimento, dando o que se tem chamado o empirismo radical. O naturalismo é a vaga tendência de coisar nas noções inferiores, delas deduzindo as noções superiores.

Em física coisa na mecânica, em biologia coisa nas leis da selecção e adaptação ao meio, em moral coisa na solidariedade espontânea e irreflectida. O mundo físico é o resultado de arranjos mecânicos, o mundo biológico o resultado da selecção e adaptação, o mundo social o resultado da solidariedade, a consciência o resultado da evolução biológica, etc.

Esta tendência é um materialismo tímido, que se não fixa no elemento.

É o estado de espírito dos que, sentindo o vazio dos idealismos tradicionais, não são suficientemente desinteressados de

um conhecimento assim, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos. Denomina-se a priori esse conhecimento e atento e que não se resolve à primeira vista; vem a ser esta: se haverá

Há pois, pelo menos, uma questão que carece de um estudo mais despertar por um, longo exercício que nos torne aptos a separá-los.

distinguímos dessa matéria prima, enquanto a nossa atenção não impressões sensíveis) produz por si mesma, crescimo esse que não nossa própria capacidade de conhecer (apenas posta em acção por que recebemos através das impressões sensíveis e daquilo que a nosso próprio conhecimento por experiência ser um composto do não prova que todo ele derive da experiência. Pois bem poderia o

Se, porém, to o conhecimento se inicia com a experiência, isto com esta que todo o conhecimento tem o seu início.

do tempo, nenhum conhecimento procede em nós a experiência e é num conhecimento que se denomina experiência? Assim, na ordem las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-afectam os sentidos e que, por um lado, põem em movimento a nossa pôr em acção a nossa capacidade de conhecer senão os objectos que pela experiência; efectivamente, que outra coisa poderia despertar e Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa

## A origem do conhecimento

Leonardo Coimbra, *O Criacionismo*, Tavares Martins, Porto, 1958, p. 9-11.

que o naturalismo se não limita adentro da dialéctica científica. feita ao cientismo, mais a que sofrerá quando tratarmos da arte, visto

O naturalismo sobre a critica feita ao materialismo ou a que será

apaga perante o brilho eterno e infinito dos mundos.

estrutura lógica e da grandeza dum Universo, onde a consciência se contrário do individualismo, a emoção da sua gigantesca católico. Numa reunião de espíritos especulativos poderia dar, ao só daria, num comício, o entusiasmo da guerra ao preconceito jamais poderia aliar os dois aspectos da sua loquela. O materialismo da crença e do desejo. Se decididamente coisasse no materialismo, palavras de desafio, e a fluência sentimental que erguesse a comoção Isso dava-lhe direito à combatividade, que erguesse embriagantes

comícios públicos, filósofo naturalista.

Um conhecido propagandista político gostava de se declarar, em

materialistas.

sentimentos para poderem resolutamente coisar em conscientes

O intelecto como meio para a conservação do indivíduo, desenvolve as suas forças dominantes na dissimulação, pois este é o meio graças ao qual os indivíduos mais fracos, os menos robustos, se conservam e aos quais está vedado lutar pela existência com o auxílio de chifres ou de dentes afiados das feras. No homem, esta arte de dissimulação atinge o seu ponto mais alto; a lisonja, a mentira e a fraude, o falar nas costas dos outros, o representar, a viver no brilho emprestado, o usar uma máscara, a convenção que oculta, o jogo de cena diante dos outros e de si próprio, numa palavra, o esvoaçar constante em torno dessa chama única, a validade, são de tal modo a regra e a lei que não há quase nada mais inconcebível do que o aparecimento nos homens de um impulso honesto e puro para a verdade. Estes são profundamente submergidos em ilusões e visões oníricas, o seu olhar só desliza pela superfície das coisas e vê aí «formas», a sua percepção não conduz em parte alguma à verdade mas satisfaz-se com receber estímulos e, por assim dizer, com um jogo tacteando as coisas. Além disso, de noite o homem deixa-se durante um vida inteira, enganar em sonhos, sem que o seu sentimento moral jamais procure evitá-lo, ao passo que parece haver homens que deixaram de ressonar pela simples força de vontade. Que é que o homem no fundo sabe acerca de si mesmo? Sim, se ele conseguiu ao menos uma vez perceber-se completamente como se estivesse metido num expositor de vidro iluminado! Não é que a natureza lhe oculta a maior parte das coisas, mesmo sobre o seu corpo, para banir e fixá-lo longe das dobras intestinais, longe do rápido fluir da corrente sanguínea e dos estremeamentos emaranhados das fibras, numa consciência orgulhosa e malabarista! A natureza deitou fora a chave e aí da fatídica curiosidade que conseguiu, através de uma fenda, olhar para fora e para baixo da câmara da consciência e que agora pressentia que o homem assenta no impiedoso, no sófrego, no insaciável, no homicida, na indiferença do seu não saber e como que suspenso em sonhos preso nas costas de um tigre. De onde, com os

diabos, vem nesta constelação o impulso da verdade?

## O impulso da verdade

distingue-se do empírico, cuja origem é a posteriori, ou seja, na experiência.  
Immanuel Kant, *Critica da Razão Pura*, trad., Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 1989, pp. 36-37.

Na medida em que o indivíduo se quer conservar relativamente aos outros indivíduos, este, na maior parte das vezes, utiliza o intelecto num estado natural das coisas, somente para a dissimulação; mas, como o homem quer existir tanto por necessidade como por tédio, socialmente e em rebanho, precisa de fazer a paz e aspira a que desapareça do seu mundo pelo menos o mais brutal BELLUM OMNINUM CONTRA OMNES. Esta paz trás consigo algo que se parece com o primeiro passo para a obtenção daquele enigmático impulso para a verdade. Acontece que agora é fixado aquilo que doravante deve ser a «verdade», ou seja, é inventada uma designação das coisas tão válida como vinculativa e a legislação da lingua produz também as primeiras leis da verdade, pois aqui surge

pele primeira vez o contraste entre verdade e mentira.

Friedrich Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia e Acerca da Verdade e da Mentira*, trad., in *Obras Escolhidas de Friedrich Nietzsche*, Vol. 1, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, pp. 216-218.

## A matéria e o espírito

Quanto mais consciência temos do nosso progresso na pura duração, melhor sentimos as diversas partes do nosso ser entrar umas nas outras, e toda a nossa personalidade concentra-se num ponto, ou melhor, numa ponta, sempre espetada no futuro. Nisto consistem a vida e a acção livres. Deixemo-nos ir ao contrário; em vez de agir, sonhemos. Immediatamente, o nosso eu dispersa-se; o nosso passado, que até aí se mantinha concentrado no impulso indivisível que nos comunicava, decompõe-se em milhares de recordações que se exteriorizam umas em relação às outras. Renunciam a interpenetrar-se à medida que se fixam. A nossa personalidade descende assim na direcção do espaço. Ela ladeia-o continuamente na sensação. Não nos demoramos aqui num ponto que já aprofundámos em outra obra. Limitemo-nos a lembrar que a extensão admite vários graus, que toda a sensação é extensiva numa certa medida, e que a ideia de sensações não extensas, artificialmente localizadas no espaço, é uma simples vista do espírito, mais sugerida por uma metafísica inconsciente do que pela observação psicológica.

Não há dúvida que damos apenas os primeiros passos na direcção da extensão, mesmo quando nos deixamos ir tão longe quanto possível. Mas suponhamos, por num instante, que matéria consista nesse mesmo movimento levado mais longe, e que o físico seja simplesmente o psíquico invertido. Compreender-se-ia então por

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro, desde a infância, algemados de pernas e pescocös, de tal maneira que só lhes e dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos «robertos» colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles.

- Estou a ver - disse ele.

## A alegoria da caverna

185.  
 Henri Bergson, *A Evolução Criadora*, trad., Edições 70, Lisboa, 2001, pp. 184-185.

representam. espaço quanto a nossa inteligência e os nossos sentidos a imaginamos, nem a matéria está tão completamente estendida no inverso. Nem o espaço é tão estranho à nossa natureza quanto termos que têm a mesma essência, mas que seguem em sentido mutuamente através da acção e da reacção reciprocas dos dois nossa geometria e a espacialidade das coisas engendram-se segundo as necessidades da nossa acção. Deste modo, o espaço da desfazem à vontade, a qual, lançada sobre a matéria, divide-a espírito serve-se dele como de uma rede de malhas que se fazem e se este movimento chegará. Uma vez em posse da forma do espaço, o que ele forma do espaço puro é apenas o esquema do termo a que impulsão é recebida, o espírito continua o seu curso. A representação sua própria inclinação, deu-lhe a impulsão. Mas, quando esta A matéria começou por ajudar o espírito a voltar a descer a pelo espírito.

matéria accentuava ainda mais a sua materialidade quando observada seu movimento natural. Por outro lado, explicaríamos assim que a se tivesse imaginação suficiente para levar até ao fim a inversão do O espírito encontra o espaço nas coisas, mas poderia obtê-lo sem elas que teria do seu repouso eventual, ou seja, da sua extensão possível. Deste espaço obterá a representação implícita no sentimento dele. Quando a matéria lhe sugere a representação mais distinta que o espírito se sente tão à vontade e circula tão naturalmente no

O pintor olha, com o rosto ligeiramente voltado e a cabeça inclinada para o ombro. Fixa um ponto invisível, mas que nós espectadores podemos determinar facilmente, pois que esse ponto

## O olhar do pintor

- Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam tidas a espécie de objectos, que o ultrapassem: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toa a espécie de lavor; como é natural, dos que transportam, uns falam, outros seguem calados.

- Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esse de que tu falas - observou ele.

- Semelhantes a nós - continuei -. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna?

- Como não - respondeu ele - se são forçados a manter a cabeça imóvel toda a vida?

- E os objectos transportados? Não se passa o mesmo com eles?

- Sem dúvida.

- Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objectos reais, quando designavam o que viam.

- É forçoso.

- E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum desses transeuntes falasse, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava?

- Por Zeus, que sim!

- De qualquer modo - afirmei - pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra de objectos.

- É absolutamente forçoso - disse ele.

- Considera pois - continuei - o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém solta-se um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isto, sentiria dor, e o deslumbramento impediria de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais?

315-317.

Platão, *A República*, trad., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001, pp.

Falamos da arte com uma emanação da ideia absoluta, demos-lhe por finalidade, a representação sensível do belo e cumpre-nos agora mostrar, neste plano, pelo menos de um modo geral, como é que os elementos particulares provêm do conceito do belo artístico concebido como uma representação do absoluto.

## A arte como emanação da ideia absoluta

próprio modelo.  
 Michel Foucault, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, trad., Edições 70, Lisboa, 2005, pp. 60.

Aparentemente esse lugar é simples; é um lugar de pura reciprocidade; olhamos para um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. Nada mais que um face a face, uns olhos que se surpreendem, dois olhares frente a frente que se cruzam e se sobrepõem. E, no entanto, esta subtil linha de visibilidade envolve toda uma complexa rede de incertezas, de permutas e de rodeios. O pintor só dirige os olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. Nós, os espectadores, estamos a mais. Acolhidos por esse olhar, somos ao mesmo tempo expulso por ele, substituídos por algo que ali sempre esteve antes de nós: o

nos à representação do quadro.  
 pintor que nos observa; essa linha atinge-nos infalivelmente e liga-sai da superfície do quadro para vir dar ao lugar onde nós vemos o poderíamos evitar, nós, os que olhamos: ela atravessa o quadro real e olhos do pintor até ao que ele vê há uma linha imperiosa que não contempla: esse espaço em que estamos, esse espaço que somos, Dos uma superfície, a visibilidade em profundidade daquilo que o artista que figura o reverso da tela representada, restabelece sob a forma de monótono que ocupa, toda a extremidade esquerda do quadro real, e verticais e o suporte oblíquo do cavalete. O alto retângulo e trabalha; desta, porém, só se vê a trama, as barras horizontais e olha, se fosse possível lançar um olhar para a tela em que ele a sua figura selada? Poder-se-ia, com efeito adivinhar o que o pintor nossa vista, se ela tem, no próprio quadro, o seu equivalente sensível, enquanto como poderemos nós evitar ver essa invisibilidade, aí se subtrai a nós mesmos, no momento em que olhamos. E, no nesse ponto cego, nesse esconderijo essencial em que o nosso olhar está representado no espaço do quadro, e se situa precisamente espectáculo que ele observa é portanto, duas vezes invisível, pois não somos nós mesmos: o nosso corpo, o nosso rosto, os nossos olhos.



Quando, de repente, contempla a beleza de um jovem, sente um afluxo de partículas dele provenientes, de onde nasce o que se retrigêrio para as suas dores, e assim nasce a alegria.

Mas, quando se encontra separada do objecto amado, sente-se feneceer. As aberturas pelas quais saem as asas começam a murchar e, logo que se fecham, interceptam o crescimento da asa.

Por sua vez, a asa feita prisioneira no interior, juntamente com a força do desejo, começa a palpitar fortemente, fazendo pressão sobre cada uma das saídas. Assim atormentada, a alma abandona-se abulicamente à dor, ao mesmo tempo que a recordação do objecto belo a leva a deixar-se invadir pelo frenesim. A mistura destes dois sentimentos leva a alma a atormentar-se com o aspecto derrotista da sua situação, por verificar que é incapaz de a vencer. Neste delírio em que foi lançada, não pode repousar, nem de noite, nem de dia, e, impelida pela paixão, lança-se em busca dos lugares onde, segundo julga, pode encontrar a Beleza. Quando a consegue rever, e dirigir para ela a força do desejo, os poro, havia pouco obstruídos, começam a abrir-se. A alma retoma a respiração, deixa de sentir o agulhão da

## Acerca da paixão dos homens

E para que este plano não pareça arbitrário, deveremos também fundamentá-lo na necessidade, quer dizer, começar por uma definição muito geral do conceito.

Dizemos já que a ideia, representada numa forma concreta e sensível, constitui o conteúdo da arte. A função da arte consiste em conciliar numa livre vontade estes dois aspectos: a ideia e a representação sensível. O primeiro requisito a satisfazer para possibilitar a conciliação, é que o conteúdo a representar se preste à representação pela arte. Sem isso obtém-se uma péssima associação: ou se dá determinada forma a um conteúdo impróprio para a representação concreta e exterior ou determinado assunto só pode encontrar adequada representação numa forma oposta à que se lhe pretende dar.

Deste requisito deduz-se um outro nada de abstracto se pode incluir no conteúdo da arte que deve ser sensível e concreto por oposição não só ao que participa do espírito e do pensamento abstracto e ao simples em si. Porque tudo o que verdadeiramente existe no espírito e na natureza é concreto e, apesar de toda a generalidade, subjectivo e particular.

G. W. F. Hegel, *Estética*, trad., Guimarães Editores, Lisboa, 1993, p. 46.